

Saber Sensível para a Educação: Como a Mediação Cultural em Arte Contemporânea Pode Atuar na Sala de Aula

Sensible Knowledge for Education: How Cultural Mediation in Contemporary Art Can Act in the Classroom

JULIANA DE SÁ ALMEIDA DUARTE*

Artigo completo submetido a 15 de maio de 2016 e aprovado a 21 de maio de 2016.

*Brasil, artista visual / educadora e estudante de doutoramento em Educação Artística. Graduada em Educação Artística — Habilitação em Artes Plásticas. Licenciatura e Bacharel pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Práticas Artísticas Contemporâneas pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP).

AFILIAÇÃO: Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes, Av. Rodrigues de Freitas, 265, 4049-021 Porto, Portugal. E-mail: up201301730@fba.up.pt

Resumo: Compreendendo a experiência artística e estética como criadora de um saber sensível e passível de desenvolver habilidades técnicas e perceptivas, pretendo estabelecer uma ponte entre as ações propostas por uma instituição voltada para a arte contemporânea, nomeadamente a *Bienal de São Paulo* e a minha prática enquanto professora em uma escola internacional.

Palavras chave: ensino / arte contemporânea / saber sensível.

Abstract: *Understanding the artistic and aesthetic experience as a creator of a knowledge which is sensitive and capable of developing technical and perceptual skills, I intend to establish a bridge between the actions proposed by an institution dedicated to contemporary art — Bienal de São Paulo — and my practice as an art teacher at an international school.*

Keywords: *teaching / contemporary art / sensitive knowledge.*

Entre os anos de 2010 e 2013 estive envolvida em duas situações em que o ensino das artes plásticas era o centro de discussões e de minhas atividades profissionais. A primeira experiência foi na Fundação Bienal de São Paulo onde atuei na área de produção do setor Educativo, auxiliando na recepção de grupos de professores para os chamados "Encontros de Formação em Arte Contemporânea". A outra experiência, enquanto professora de uma escola internacional em São Paulo, lecionando a cadeira de artes para alunos entre 13 e 15 anos de idade. A partir destas duas experiências, pretendo compreender de que forma podemos promover o saber sensível, e como entre a formação do professor (apreender) e a prática do professor (ensinar) podem haver dissonâncias.

A Fundação Bienal tem grande importância no cenário artístico-cultural não só a nível municipal, como também nacional e internacionalmente. A Fundação é responsável pelas Bienais de arte e sendo fundada em 1951, por incentivo de Cicillo Matarazzo, grande empresário industrial e mecenas das artes no país, tornou-se referência no cenário internacional de arte contemporânea por ser uma das mais antigas mostras deste gênero, aproximando-se da Bienal de Veneza e da Documenta de Kassel.

Acompanha a exposição uma equipe grande de curadores, produtores, artistas e educadores. A cada edição da mostra é formada uma nova equipe com o objetivo de criar estratégias e as abordagens do setor educativo para contato e formação de público. No contexto da 29ª e 30ª Bienais tive meu primeiro trabalho fora de um contexto universitário ou como estágios. Era assistente de produção no setor educativo; um novo universo se abria e havia grande curiosidade em compreender a dinâmica daquela exposição, bem como o projeto que estava a ser desenvolvido pela curadora educacional Stela Barbieri.

Um dos papéis fundamentais da proposta daquela edição, era oferecer formação para professores e educadores nos chamados Encontros de Formação em Arte Contemporânea, reconhecendo a importância do papel destes profissionais no desencadeamento de outras ações, de sensibilização, de construção de sentido e de aproximação com a arte contemporânea. Baseado em três conceitos — o Encontro, a Experiência e o Diálogo — o que se pretendia promover era a reunião de pessoas interessadas em arte. Nas palavras de Stela Barbieri:

Desde o início de minha atuação na concepção de [Espaços, Serviços? Setores?] Educativos, tenho tido como intenção realizar um trabalho especial dedicado a professores de arte e educadores sociais, de escolas públicas e ONGs. [...] A intenção é que as pessoas possam se encontrar umas com as outras, que tenham as melhores condições para isso e que esse corpo coletivo possa ter uma irradiação (Barbieri, 2011)

Estes encontros de formação eram promovidos por artistas-educadores vinculados ao Educativo Bienal, direcionados para professores de escolas públicas e educadores sociais, sendo também abertos para demais interessados. Eles ocorriam de forma gratuita tanto no auditório da instituição quanto em escolas ou centros culturais. Durante o ano todo, não só no período de exposição, os encontros tinham como objetivo introduzir alguns conceitos presentes na mostra, abordando a importância da exposição, bem como localizá-la na cidade, no pavilhão com uma arquitetura emblemática, dentro de um parque público.

O envolvimento e a presença de cada participante nessa ação podem catalisar um encontro vivo e a criação de um espaço com afeto, onde todos se coloquem para além do que está proposto, investigando e se perguntando sobre o sentido da vida contemporânea e da arte. (Barbieri, 2011).

Este acolhimento do público, tinha como objetivo convidar os participantes a frequentarem ativamente a exposição e estimulava também a troca de experiências: “Os microfones, em intenso movimento por entre o público, expressavam o vigor da conversa sobre os modos de viver e a arte, e manifestavam momentos de embate bastante intensos.” (Barbieri, 2011). A fala dos participantes trazia para o debate as pequenas experiências estéticas que vivemos no nosso cotidiano e que normalmente passam por nós sem que racionalizemos a seu respeito. Talvez sejam subjugadas uma vez que temos dificuldade em compreendê-las, torná-las inteligíveis uma vez que se apresentarem como um saber sensível.

Para além de criar um ambiente em que as pessoas se sentiam à vontade para o diálogo, estes encontros promoviam uma “ação poética”, um momento que se voltava não mais para a fala, mas para uma atividade prática, de criação. Esta ação era lugar para a experiência, um espaço para o saber sensível em que a relação individual com os materiais, criava e recriava significados, abrindo margem para estabelecer novas relações com si mesmo e com as outras pessoas, as obras de arte e com as situações quotidianas.

O contato com as propostas do setor Educativo Bienal me aproximaram da arte contemporânea. Até o final de minha graduação em Educação Artística-Artes Plásticas, tive pouco contato com a produção de arte contemporânea e havia certo preconceito com relação a esta prática, o embate com o que é produzido por um artista nos dias atuais causava-me a impressão de uma arte que servia ao mercado, ou que promovia apenas um deslumbre técnico e tecnológico. Para além disso, acredito que minha resistência com a arte contemporânea era proveniente de sua principal característica: nos fazer refletir a respeito da vida contemporânea, trazendo à tona inquietações e evidenciando as incertezas do presente.

Ao vivenciar as propostas do educativo participando de alguns dos *Encontros de Formação*, encontrei espaço para o diálogo com estas obras, fui compreendendo e tomando consciência das formas de conhecimento sensível proveniente de uma experiência estética a partir destas obras de arte. Como Lilian Amaral coloca (Barbosa, 2005:47):

Tais processos fundam-se na conceção ampliada da arte como experiência, tendo os lugares — reais e imaginários — como suporte para criações coletivas que envolvem artistas e não-artistas, estimulando o documentação e apropriação crítica e criativa

Acredito que a arte contemporânea tem como questão basilar o proporcionar de uma experiência, as instalações e performances claramente, e de forma mais radical, implicam o envolvimento do corpo, seja o do artista quanto o do espectador. O corpo envolvido nos leva a refletir sobre o saber sensível.

João Francisco Duarte Júnior nos explica que “a expressão do saber sensível encontra melhor expressão nos signos estéticos” (Duarte Junior), ou seja, na arte, filósofo e educador, ele discute a teoria do conhecimento e nos explica que há duas maneiras de se conhecer o mundo: o conhecimento inteligível, que implica em simbolizar racionalmente as coisas — e nele estariam presentes a linguagem e a matemática, por exemplo. E o saber sensível, que seria uma forma de conhecer anterior a ao conhecimento inteligível, um saber ligado ao corpo que não passa pelo intelecto, vinculado aos nossos cinco sentidos considerado enquanto *saber* pois o corpo *saboreia* a experiência que o atravessa.

Esta forma de aproximação com o mundo provem do grego *Aisthesis*, ou no português Estesia, que segundo o dicionário é “uma aptidão para compreender as sensações causadas pela percepção do belo” (Dicio, 2009). Esta relação entre os sentidos e a racionalização tem seu maior ponto de distanciamento na modernidade, quando há uma separação clara entre artes e ciências, o mundo vivido e o mundo pensado.

Neste sentido, acredito que uma das preocupações contemporâneas é a reaproximação destas formas de conhecimento, uma realização intelectual entre a experiência direta do mundo e a formulação conceitual abstrata, como pondera Danilo Miranda:

Assim, a partir do advento da era científica e do novo panorama cultural de expressão estética e artística, podemos inferir que a mediação científica não apenas reduz o alcance estético na existência humana como também possibilitou a emergência de um conjunto de novos saberes, critérios e valores estéticos, além de diferenças metodológicas.” (Danilo Miranda:13).

Ou seja, se por um lado a experiência estética foi reduzida em detrimento da razão, ela se renova e volta com maior importância no momento atual.

Apesar de compreender e muito me interessar por este saber sensível, e após



Figura 1 · Encontro de professores — ações poéticas.
Fotos: Sofia Colucci Fonte: bienal.org

Figura 2 · Encontro de professores — ações poéticas.
Fotos: Sofia Colucci Fonte: bienal.org

ter vivenciado as ações do Educativo Bienal, comecei a dar aulas de artes em uma escola particular de São Paulo e senti dificuldades em propiciar experiências semelhantes a meus alunos. A escola onde trabalhei era tradicional e se diferenciava das demais por ser uma escola britânica, ou seja, seguia um duplo currículo, o brasileiro e o inglês. Lecionei artes para crianças entre 13 e 15 anos, nestas turmas as aulas de artes eram divididas entre: artes visuais, teatro e música. A turma então era dividida em três e cada grupo era direcionado para modalidade artística. Após três meses, num sistema denominado carrossel, os alunos trocavam de disciplina na cadeira de artes.

O trabalho foi um grande desafio, por um lado, porque tinha pouca experiência com a faixa etária: em meus estágios universitários sempre procurei crianças na primeira infância, logo tive que adequar a linguagem, o planejamento de aulas e temas a serem abordados. Por outro, porque as aulas deveriam ser ministradas em língua estrangeira, em inglês. Para além do mais, o grupo mudava com frequência, seguindo a lógica do carrossel, com uma hora e meia de aula por semana, perfazendo apenas doze encontros com cada grupo.

Uma das turmas em que senti maior envolvimento dos alunos na proposta que fiz foi com a de 13 anos, o *Form 1- Senior School*. Tratando das formas de representação e da figuração do rosto, as aulas foram planejadas para que, de maneira gradual, diferentes materiais e formas de representação fossem exploradas. A primeira tarefa era, através do toque de seus próprios rostos, desenhar a lápis um retrato. O exercício seguinte envolvia desenhar o rosto através do reflexo no espelho. Nas aulas seguintes foram exploradas outras formas de representação, como o desenho tridimensional feito com fio de arame e alguns exercícios de zoomorfismo e transfiguração.

Como referência de imagens, levei aos alunos os estudos de Charles Le Brun sobre fisionomia de homens e a tentativa de associar características físicas a padrões psicológicos. Como em um jogo de adivinhas, as ilustrações humanas eram apresentadas aos alunos que deveriam decifrar qual animal havia dado origem ao desenho. Este exercício se desdobrou na modelagem em argila de máscaras que tinham como objetivo fundir a fisionomia humana com a de algum animal a escolha deles.

As atividades foram desenvolvidas por todos os alunos, o percurso de exploração de materiais e formas de representação que eu, enquanto professora havia pré-estabelecido foram realizados, porém me faltou a compressão de que tipo de experiência pude proporcionar a eles e o qual foi saber sensível despertado durante o desenvolvimento destas propostas.

Enquanto jovem professora e com a presença viva das experiências que tive

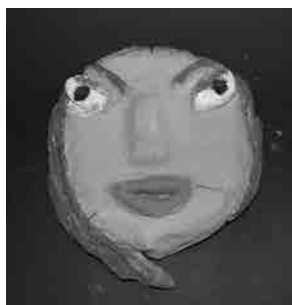


Figura 3 · Ilustrações de Charles LeBrun (1619-1690) semelhança fisiognômica entre um homem e um cavalo.

Figura 4· Ilustrações de Charles LeBrun. Fonte: Site de Donald A. Heald. LeBrun (1619-1690) semelhança fisiognômica entre um homem e uma águia.

Figura 5· Máscaras realizadas por alunos. Fonte: arquivo pessoal.

Figura 6· Máscaras realizadas por alunos. Fonte: arquivo pessoal.

Figura 7· Máscaras realizadas por alunos. Fonte: arquivo pessoal.

no Educativo Bienal, posso dizer que houve dificuldade em estabelecer uma relação de confiança e de troca com meus alunos, algo que era alcançado e muito estimulado nas ações do Educativo. Apesar da escola possuir um currículo aberto, o que possibilitou e apoiou as minhas propostas de aulas, senti-me frustrada por não conseguir adequar os conceitos e ideias que tinha sobre a educação da arte com o que de fato ocorria em sala de aula. Senti que as propostas que desenvolvi lhes eram pouco estimulantes e pouco fomentavam esta experiência sensível que vivi anteriormente em outro contexto, não se criava significados a partir da prática, sentia as atividades como uma mera execução de proposta.

Com a distância do tempo, tento compreender de que maneira minha prática enquanto professora poderia ser mais significativa. Talvez devesse trabalhar a partir de um questionamento proveniente dos alunos, ou como cita Danilo Miranda, formular novas metodologias para o desenvolvimento deste saber sensível, promovendo maior diálogo com o grupo, compreendendo seus anseios com relação à escola, à cidade, ou mesmo às formas de representação de suas feições, já que este era o propósito da atividade desenvolvida. Sinto ter perdido um potencial presente em cada um deles, em detrimento de imagens históricas que, talvez, não lhes tenha dito respeito.

Outra questão que persiste, é pensar o quanto o ambiente escolar, os tempos e espaços determinados pelo currículo, a necessidade de se avaliar com notas e méritos os trabalhos dos alunos, não nos distancia da experiência sensível, livre de burocracias e avaliações, das vivências do Educativo da Bienal. O quanto, de fato, a escola e, principalmente os alunos, estão abertos à um ensino de artes, que passe pela sensibilização e não por técnicas que propiciem produtos esteticamente palatáveis para serem expostos no fim do ano letivo.

Lembro-me de, após as aulas ter uma grande dúvida e certa insegurança com relação ao que havia comunicado aos alunos. Acredito que a prática do professor está sempre acompanhada desta dúvida com relação aos espaços entre as pessoas e a fala, relembando umas das perguntas norteadoras do Educativo Bienal: como medir a distância que te separa do que você diz?

Referências

Barbieri, Stela. (2011) *Educação como ação poética*. São Paulo: Goethe-Institut e V., Humboldt Redaktion. [Consult. 2016-05-01] Disponível em URL: <http://www.goethe.de/wis/bib/prj/hmb/the/156/pi8622823.htm>.

Barbosa, Ana Mae. (2005) *Interterritorialidade: Mídias, contexto e educação*. São Paulo:

Senac e Edições SESC SP, São Paulo.

Dicio (2009) *Estesia*. [em linha] [Consult. 2016-05-01] Disponível em URL: <http://www.dicio.com.br/estesia/>

Duarte Junior, João Francisco. (2010) "Mais que a razão do belo: uma ciência sensível" In *ARTSCI 2010* [Consult. 2016-05-01] Disponível em URL: https://www.youtube.com/watch?v=_tTupSwBRR8.